Bairro já foi área de veraneio da comunidade árabe

Antigamente os pescadores saíam em busca da baleia e do xaréu. Hoje eles vivem de relembrar o passado

DENISE SILVA ♦ REPÓRTER

Apesar de pequeno e estar situado entre dois pontos tradicionais de Salvador, Rio Vermelho e Pituba, o bairro de Amaralina possui identidade e encantos peculiares, que segundo o cinegrafista Luís Roberto Ferreira dos Santos, proprietário da Kabana do Guery (uma das mais freqüentadas do bairro) podem ser definidos pelo belo pôr-do-sol que existe no local. Este trecho da orla é um dos raros lugares da cidade onde o sol morre no mar.

Além de uma paisagem marítima privilegiada, Amaralina conta com o quiosque das baianas, antiga parada de bonde, que mesmo abandonado pelos poderes públicos ainda funciona como cartão postal do bairro. Muitos soteropolitanos se dirigem ao local para se deliciarem com um dos mais bem feitos acarajés da cidade, como é o caso do bancário João Jorge Silva, que vem do Campo Grande diariamente para comer o quitute na barraca da baiana Rosalina Costa.

Do namoro na ilha (uma faixa de pedra e areia que fica isolada quando a maré enche), dominó na pracinha até o surfe de fim de tarde, o bairro preserva a tranqüilidade do interior que pode ser vivenciada pelos moradores da Rua Conde das Castanheiras, afastada do grande tráfego de veículos.

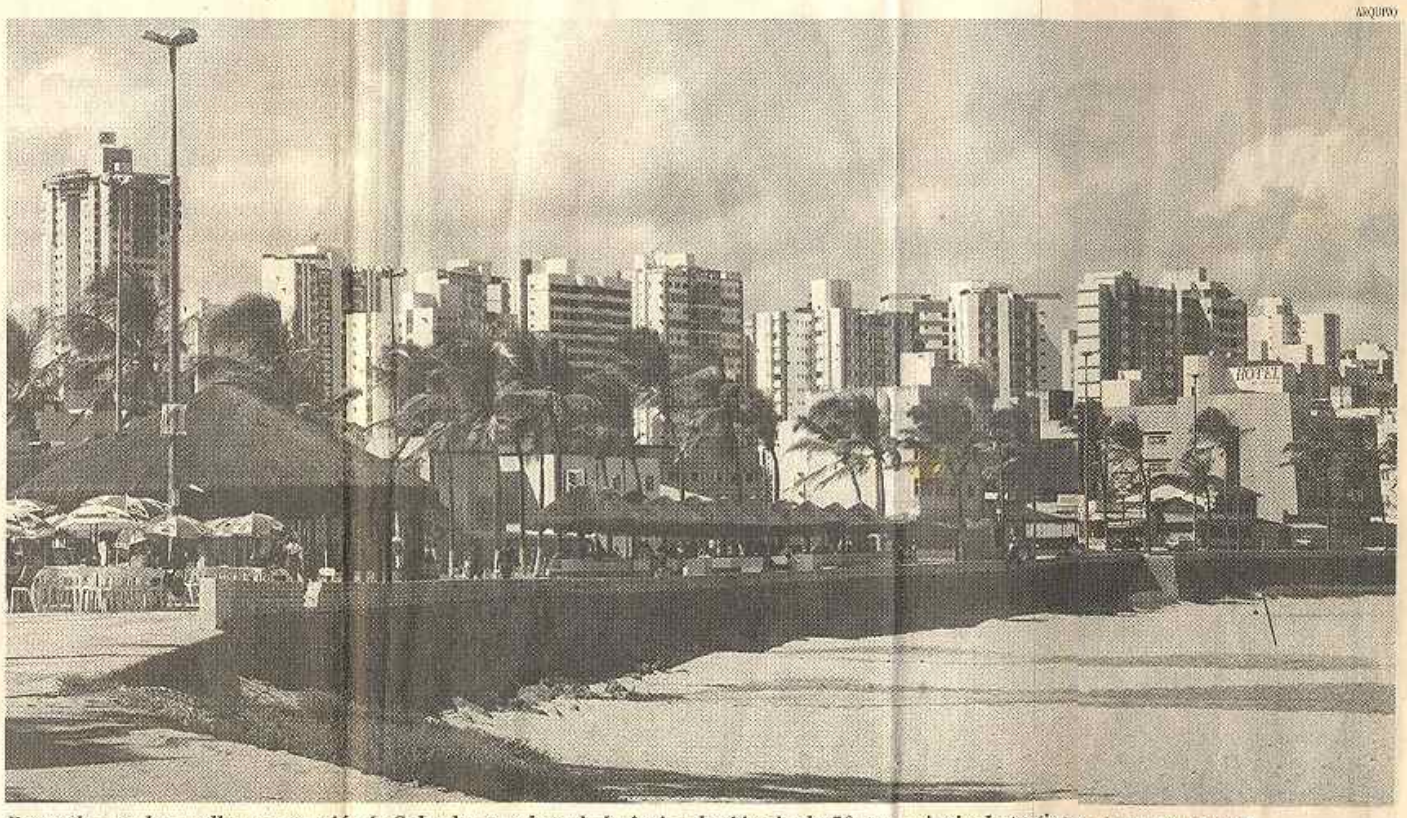
Mesmo com as vantagens que a natureza oferece, Amaralina possui uma infra-estrutura precária, e tanto moradores como comerciantes reclamam da falta de iluminação e policiamento na orla e em todo o bairro. A pacata fazenda de Amaralina que pertenceu a José Ignácio Amaral e deu origem ao local, já foi também o ponto de encontro da geração de 1950 e atualmente reúne restaurantes, barzinhos, sorveterias, casas comerciais, condomínios, escolas, hotéis e até casas de material de construção.

Saber um pouco da história de Amaralina só é possível quando se conhece personagens típicos como o vendedor de água-de-coco Manoel Calixto, ou mestre Aloísio, 74 anos, pescador cuja vida se confunde com as lembranças locais. Aloísio se recorda dos tempos em que o pescado do mar era bom e os árabes passavam o verão no bairro.

Ele conta que o proprietário da Fazenda Amaralina morreu desgostoso por não conseguir retomar o terreno desapropriado pelo Exército. No bairro foi fundado o 14º Batalhão de Infantaria Antiaérea do Exército, que atualmente está desativado e funciona como hotel para militares. O pescador, que nasceu na Rua do Norte, área do atual Nordeste de Amaralina, é visto sempre ao lado da canoa "Aurora Cristina". Ele diz que lembra da capela da Fazenda Amaralina, onde fez a primeira comunhão e ainda conserva os restos mortais da matriarca da família Amaral, Rosa Cruz Paraíso, falecida em 1898.

Mais antigo dos vendedores dos quiosques de água de coco no Largo de Amaralina, Manoel Calixto, apesar dos 74 anos e os cabelos grisalhos, continua exercendo a profissão com esperteza e demonstra dinamismo ao manejar o facão. Ele admite que as vendas caíram muito no local, mas continua sendo um apaixonado pelo bairro e tem esperança de que o movimento aumente no verão que está próximo.

ARQUIVO



Ponto de um dos melhores acarajés de Salvador e reduto de boêmios da década de 50, seu principal atrativo o belo pôr-do-sol